

**Obtido no site [http://www.campinas.sp.gov.br/portal\\_milton\\_santos](http://www.campinas.sp.gov.br/portal_milton_santos) , no dia 2 de julho de 2004**

## **VIDA**

Milton Santos nasceu em Brotas de Macaúbas, no interior da Bahia, em 1926. Os pais, professores primários, o alfabetizaram em casa. Aos 8 anos, já havia concluído o equivalente ao curso primário. Neto de escravos por parte de pai, foi incentivado a estudar sempre e muito.

Dos 8 aos 10 anos, por exemplo, quando vivia em Alcobaça, aprendeu francês e boas maneiras, sempre em casa, enquanto aguardava o tempo para ingressar no ginásial.

Os benefícios de sua aplicação nos estudos o país nunca poderá negar, mas o geógrafo confessava uma frustração: embora Alcobaça seja um pedaço de terra entre o Oceano Atlântico e um rio, Milton, sempre às voltas com livros, nunca aprendeu a nadar. Da mesma forma, nunca participou das peladas e jamais entrou num estádio de futebol.

Já em Salvador, custeava suas aulas no colégio lecionando Geografia na própria escola aos alunos do que seria atualmente o ensino médio. Depois, incentivado por um tio advogado, cursou Direito. Diplomado, não chegou a exercer a profissão; prestou concurso público para professor secundário e foi lecionar Geografia em Ilhéus. Iniciou, então, carreira repleta de desafios, não raro impostos pela sua condição de negro.

Rodou o mundo, estudando e lecionando, numa trajetória impressionante. Aprendeu e ensinou na Europa, Américas e África. Fez trabalhar em seu favor o doloroso exílio que a ditadura militar lhe impôs por treze anos.

Milton Santos escreveu mais de quarenta livros em diversas línguas, sua obra é uma referência para todos aqueles que pretendem compreender de maneira crítica o mundo atual. Um pensador otimista, antes de mais nada, que conseguiu distinguir o novo da novidade, conceitos que ele diferenciava radicalmente.

Um geógrafo sério e combativo. Não poupou ninguém de suas severas críticas. Políticos, intelectuais, colegas de departamento e até mesmo seus alunos mais fiéis (inclusive esta que vos escreve).

Os cabelos brancos apareceram nos últimos tempos, mas sempre se mostrava o professor com camisas de mangas compridas e gravatas vermelhas, vestido com a mesma seriedade com que lidava com o conhecimento.

Obtido no site [http://www.campinas.sp.gov.br/portal\\_milton\\_santos](http://www.campinas.sp.gov.br/portal_milton_santos), no dia 2 de julho de 2004

### Livros

01	O povoamento da Bahia: suas causas econômicas, Imprensa Oficial da Bahia, Salvador/BA, 1948.
02	Estudos sobre geografia, Tipografia Manú, Salvador/BA, 1953.
03	Os estudos regionais e o futuro da geografia, Imprensa Oficial da Bahia, Salvador/BA, 1953.
04	Zona do cacau, introdução ao estudo geográfico, 1ª edição, Imprensa Oficial da Bahia, Artes Gráficas, Salvador/BA, 1955. 2ª Edição: Companhia Editora
05	Estudos de Geografia da Bahia, (em colaboração com J. Tricart e outros) Livraria Progresso Ed., Salvador/BA, fotos e mapas, 1958.
06	Localização Industrial, em colaboração com D. Jacobina, Estudos e Problemas da Bahia, Ed. mimeografada da CPE nº 3, Salvador/BA, mapas e tabelas, 1958
07	A cidade como centro de região. Universidade Federal da Bahia-Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, Imprensa Oficial, Salvador/BA, mapas e fig., 1959.
08	Marianne em Preto e Branco (viagens), Livraria Progresso Editora, Salvador/BA, 1960.
09	A rede urbana do Recôncavo, Universidade Federal da Bahia-Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, Imprensa Oficial, Salvador/BA, 19 mapas e fig., 1959.
10	O centro da cidade do Salvador, Universidade Federal da Bahia-Editora Progresso Editora, Salvador/BA, 17 mapas, 5 gráficos e 27 fotos, 1959.
11	A cidade nos países subdesenvolvidos, Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1965.
12	Croissance démographique et consommation alimentaire dans les pays sous-développés, I) Les données de base (320 p.); II) Milieux géographiques et alimentation (341 p.), Centre de Documentation Universitaire (CDU), Paris, França, 1967.
13	Aspects de la géographie et de l'économie urbaine des pays sous-développés, 2 fasc (100 e 92 p.), Centre de Documentation Universitaire (CDU), Paris, França, 1969.
14	Dix essais sur les villes des pays-sous-développés, Ed. Ophrys, Paris, França, 1970.
15	Le métier du géographe en pays sous-développés, Ed. Ophrys, Paris, França, 1971
16	Les villes du Tiers Monde, Ed. Génin, Librairies Techniques, Géographie Economique et Sociale, tome X, Paris, França, figs., mapas e fotos, 1971.
17	Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados, Ed. Oikos-Tau, Barcelona, Espanha, Colección Ciências Geográficas, fig., 1973.
18	Underdevelopment and poverty: a geographer's view, The Latin American in Residence Lectures, University of Toronto, Canadá, 1972-1973, 1975.
19	L'espace partagé, Editions Librairies Techniques, M. Th. Génin, Paris, França, 1975.

20	Por uma geografia nova, HUCITEC-EDUSP, São Paulo, 1978 (5ª edição: 1996).
21	O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo, HUCITEC, AGB, São Paulo, 1978 (4ª edição: 1996).
22	A pobreza urbana, Coleção Estudos Urbanos, HUCITEC-UFPE, São Paulo, 1978 (2ª edição: 1979).
23	O espaço dividido, Livraria Editora Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1978.
24	Economia espacial: críticas e alternativas, HUCITEC, São Paulo, 1978.
25	The shared space: the two circuits of the urban economy and its spatial repercussions, Methuen, Londres, 1979
26	Espaço e sociedade. Editora Vozes, Petrópolis, 1979 (2ª edição: 1982).
27	A urbanização desigual, Editora Vozes, Petrópolis, 1980 (2ª edição: 1982).
28	Manual de geografia urbana, HUCITEC, São Paulo, 1981 (2ª edição: 1989).
29	Pensando o espaço do homem, HUCITEC, São Paulo, 1982, (3ª edição: 1991)
30	Ensaios sobre a urbanização latino-americana, HUCITEC, São Paulo, 1982 (2ª edição : 1986)
31	Pour une géographie nouvelle. Editions Publisud, Paris, 1985, (2ª edição, 1986).
32	Espaço e Método, Nobel, São Paulo, 1985, (3ª edição: 1992).
33	Espacio y Metodo, Geocritica nº 65, Septiembre 1986, Universidad de Barcelona.
34	O Espaço do Cidadão, Nobel, São Paulo, 1987, (3ª edição: 1996, 4ª edição: 1997).
35	Metamorfoses do Espaço Habitado, HUCITEC, São Paulo, 1988, (5ª edição: 1997).
36	Por una geografía nueva, Espasa-Calpe, Madrid, 1990.
37	Metrópole corporativa fragmentada: o caso de São Paulo, Nobel, São Paulo, 1990.
38	Espace et Méthode, Publisud, Paris, 1990.
39	A Urbanização Brasileira, Hucitec, São Paulo, 1993, (3ª edição: 1996).
40	Por uma economia política da Cidade, Hucitec - Editora PUC-SP, São Paulo, 1994.
41	Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional, Hucitec, São Paulo, 1994. (2ª edição: 1996)
42	De la Totalidad al Lugar, Oikos Tau, Barcelona, 1996.
43	Metamorfosis del Espacio Habitado, Oikos Tau, Barcelona, 1996.
44	A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção. Hucitec, São Paulo, 1996. (2ª edição: 1997)

[<< voltar](#)

[volta](#)

## Entrevista

**Milton Santos**POR JOSÉ CORRÊA LEITE\*

*Milton Santos é geógrafo, professor da Universidade de São Paulo e autor de mais de quarenta livros. Um dos intelectuais brasileiros de maior projeção internacional, vem realizando importante reflexão sobre as consequências da globalização para a humanidade, que foi sistematizada em seu livro A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção, que recebeu o Prêmio Jabuti de 1997*

**O senhor sofreu uma influência importante do existencialismo sartriano na sua formação?**

Com certeza. A leitura que pude fazer de Sartre ajudou muito na minha produção geográfica.

**Quais figuras o senhor destacaria como importantes para a produção de sua obra?**

Primeiro os clássicos, que aprendi no ginásio: Aristóteles, Platão, Leibnitz, Whitehead. É evidente que Marx teve um papel destacado. E também Henri Lefèvre, embora eu o considere mais fácil do que Sartre e por conseguinte menos instigante, menos provocativo.

**Quando o senhor fez o doutorado na França, teve contato com essas pessoas?**

Não, o contato que tive com o grupo de Sartre foi depois, a partir de 1964. As idéias que exponho atualmente apareceram em embrião há vinte anos em um

artigo na revista *Les temps modernes*.

**E dos intelectuais que pensam a condição do Brasil, o senhor destacaria alguém?**

Não poderia deixar de mencionar Josué de Castro, Celso Furtado, Darcy Ribeiro, Florestan Fernandes, Caio Prado Jr.

**O senhor registraria uma ruptura entre a reflexão empreendida no diálogo com essas figuras, que marca toda sua contribuição anterior para a renovação da geografia e sua reflexão mais atual?  
Confrontando Por uma geografia nova e A natureza do espaço me passa a idéia de um movimento de renovação intelectual muito grande e consistente.**

É difícil falarmos de nós mesmos, mas pouco a pouco já vinha se dando, na minha obra, uma separação das prisões do empírico e a busca de uma construção mais filosófica. Quando escrevi *Por uma geografia nova*, vivia fora do país há muito tempo e a partir de um certo momento não conhecia mais o Brasil, porque o país mudou muito depois de 64, tanto em termos de materialidade como de relações sociais. Então, a filosofia era o único refúgio para mim, a única forma de continuar vivendo. O Brasil se distanciava e havia a incapacidade de apreender intelectualmente os outros países onde trabalhei e sobre os quais escrevi muito pouco. Escrevi um pouco mais sobre a Tanzânia, sobre a África Ocidental, porque era uma história capitalista menos complexa e com as similaridades dadas pela condição de Terceiro Mundo, questão que era central na minha base teórica. Isso me levou a *Por uma geografia nova*, que era expressão de uma linha de duplo combate: em relação aos meus colegas do Norte e em relação ao Brasil, onde eu estava pisando de volta.

Aí eu passei quinze anos trabalhando na preparação desse outro livro, *A natureza do espaço*, no qual queria mostrar que a geografia também é uma filosofia. Eu tinha uma inconformidade com a minha disciplina e com o que havia escrito antes sobre ela. Empreendi então a fundamentação da idéia de que a geografia é uma filosofia das técnicas. E como tal, ela somente podia se tornar teórica com a globalização, porque antes não havia técnicas planetárias e a universalidade dos filósofos não havia se tornado empírica. Acho que a minha pequena contribuição à filosofia é a idéia de universalidade empírica, que só podia brotar da cabeça de um geógrafo, vendo como os lugares se tornaram parecidos, na sua enorme diferenciação, com a globalização. Mas o que eles têm de parecido não são só os vidros fumês das grandes cidades. Essa psicosfera tem uma base técnica, a produção, as condições de vida das pessoas. Eu tive essa idéia da geografia como filosofia das técnicas há 35 anos. Mas esta elaboração só podia se tornar concreta e sistematizada num livro com a globalização. Aí é visível a inseparabilidade do individual e do universal, através do lugar e do mundo.

Em alguns textos meus de mais de vinte anos já aparece a palavra globalização. Mas acho que como fruto dessa solidão enorme que foi minha trajetória, a partir da ausência da condição cidadã, porque não estava no meu

país, estava longe do embate político e incapaz de participar dele. E absolutamente convencido de que era por meio das idéias que poderia ter um papel. Isso me facilitou a decisão de não participar da vida partidária quando voltei. Eu tinha a certeza de que um dia os intelectuais iam ter voz no Brasil. E hoje estou orgulhoso e feliz de poder participar do debate político, sem nenhuma vinculação a partidos, ainda que não esconda as minhas simpatias, que vão para o seu partido.

**Esse tratamento da geografia, que permite retirar as contribuições que ela pode oferecer para a ação política, significa abordá-la de forma interdisciplinar?**

A interdisciplinariedade não se produz a partir das disciplinas. Ela se produz a partir das metadisciplinas. Eu converso com os outros colegas a partir da minha filosofia e da deles. Mas não da minha disciplina. Se eles não tiverem a filosofia, se eles não forem capazes de produzi-la, não há possibilidade de diálogo.

Outro problema é que a filosofia não está sendo capaz de ajudar na produção das filosofias particulares. Os filósofos me ajudaram, mas nenhum deles foi capaz de me entregar um esquema. E não podiam. Imagine um filósofo se ocupar de coisa tão boba como a geografia! Mas cada disciplina, olhando a realidade a partir de um prisma, tem, ela própria, sua rede e seus pontos nodais, que formam a rede. E a teoria é uma rede. A teoria não é um conceito solto, é um sistema de conceitos. Então, os filósofos acabam sendo os inspiradores e depois, lá adiante, os fiscais.

Mas cada disciplina tem que elaborar a sua filosofia. No caso da geografia, ela alcançou agora a sua maturidade histórica. Não podia ser antes. A universalidade empírica da globalização, graças a essa onipresença das técnicas da informação, das técnicas da produção, da circulação, do comércio etc. acaba fazendo com que cada lugar se reconheça no mundo. Seria uma forma particular de exercício do mundo. Isso garante essa integração entre lugar e mundo, que é a base de uma teoria geral do mundo, vista a partir de lugares, do universal e do particular, que é a ambição filosófica suprema. E que para nós não era possível antes, na geografia.

**Como o senhor vê o processo de globalização?**

A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para entender esse processo, como qualquer momento da história, há dois elementos fundamentais a levar em conta: o estado das técnicas e o estado da política.

Há uma tendência em separar uma coisa da outra. Daí muitas interpretações da história a partir das técnicas. E, por outro lado, interpretações da história a partir da política. Na realidade, nunca houve na história humana separação entre as duas coisas. As técnicas são oferecidas como um sistema, utilizado através do trabalho e das formas de escolha dos momentos e dos lugares de

uso das técnicas, das combinações entre elas. É isso que fez a história.

Chegamos ao fim do século XX e o homem, por intermédio dos avanços da ciência, produz um sistema de técnicas presidido pelas técnicas da informação. Elas passam a exercer um papel de elo entre as demais, unindo-as e assegurando a presença planetária desse novo sistema técnico.

Só que a globalização não é apenas a existência desse novo sistema de técnicas. Ela é também o resultado dos processos políticos que conhecemos. Com freqüência ouvimos a pergunta: "mas não tem alguma coisa de bom na globalização?" ou "será que é tudo ruim?". A discussão não é essa. A discussão é: há um conjunto, um sistema de técnicas baseado na ciência, e há uma forma de utilizar esse sistema presidida por essa mula-sem-cabeça chamada mercado global. Um mercado global utilizando esse sistema de técnicas avançadas, repito, presididas pelas técnicas da informação, resulta nessa globalização perversa. Isso poderia ser diferente se seu uso político fosse outro. E quando digo uso político, digo uso econômico e cultural, porque neste fim de século tudo se tornou político; a economia é feita a partir da política, a cultura é base para a política e resulta da política. Esse é o debate central, o único que nos permite ter a esperança de utilizar o sistema técnico contemporâneo a partir de outro paradigma.

**O senhor tem falado em globalitarismo. Poderia nos explicar esse conceito?**

Eu chamo a globalização de globalitarismo, porque estamos vivendo uma nova fase de totalitarismo. O sistema político utiliza os sistemas técnicos contemporâneos para produzir a atual globalização, conduzindo-nos para formas de relações econômicas implacáveis, que não aceitam discussão, que exigem obediência imediata, sem a qual os atores são expulsos da cena ou permanecem dependentes, como se fossem escravos de novo. Escravos de uma lógica sem a qual o sistema econômico não funciona. Que outra vez, por isso mesmo, acaba sendo um sistema político.

Esse globalitarismo também se manifesta nas próprias idéias que estão atrás de tudo. E, o que é mais grave, atrás da própria produção e difusão das idéias, do ensino e da pesquisa. Todos obedecem, de alguma maneira, aos parâmetros estabelecidos. Se estes não são respeitados, os transgressores são marginalizados, considerados residuais, desnecessários ou não-relevantes. É o chamado pensamento único. Algumas vozes críticas podem se manifestar, uma ou duas pessoas têm permissão para falar o que quiserem, para legitimar o discurso da democracia. Só que a estrutura do processo de produção das idéias se opõe e hostiliza essa produção de idéias autônoma e, por conseguinte, de alternativas.

É uma forma de totalitarismo muito forte, insidiosa, porque se baseia em idéias que aparecem como centrais à própria idéia da democracia – liberdade de opinião, de imprensa, tolerância – utilizadas exatamente para suprimir a possibilidade de conhecimento do que é o mundo, do que são os países, os lugares. Eu chamo isso de tirania da informação, que, associada à tirania do

dinheiro, resulta no globalitarismo.

**Essa tirania da informação se opõe, portanto, à produção de um conhecimento que poderia gerar uma alternativa distinta do mercado à organização desse meio técnico-político?**

Creio que sim. Na medida em que o mundo se globaliza, eu apenas posso entendê-lo como um todo. E cada coisa a partir do mundo. Se me retiram a possibilidade de compreender o mundo como ele é, se me bombardeiam todos os dias com informações que não são corretas, estão me tirando a possibilidade de entender não só o mundo como a mim mesmo.

Isso é terrível, porque mata a possibilidade de desenvolvimento de alternativas. Esse mundo globalizado produz uma racionalidade determinante, mas que vai, pouco a pouco, deixando de ser dominante. É uma racionalidade que comanda os grandes negócios, que são cada vez menos numerosos mas cada vez mais abrangentes. Esses grandes negócios são de interesse direto de um número cada vez menor de pessoas, embora a maior parte da humanidade seja concernida por eles. Mas não pode se interessar por eles já que, embora sofra suas consequências, não tem condições de interferir.

Mas pouco a pouco essa realidade é desvendada pelas pessoas e pelos países mais pobres. Essa é uma contradição maior. Nós abandonamos as teorias de desenvolvimento, o terceiro-mundismo, que era a nossa bandeira dos anos 50 e 60. A noção política de Terceiro Mundo foi produzida em grande medida graças à existência da União Soviética; se ela não existisse, não haveria essa idéia política.

Todavia, graças à globalização está surgindo uma coisa muito mais forte: hoje é a história da maioria da humanidade que conduz à consciência da existência dessa tercera-mundização (que de alguma forma inclui também uma parte da população dos países ricos). Há uma formidável contradição em busca dos seus intérpretes, em busca de um discurso mais planetário e também nacional e local. Esse discurso é dificultado por esse pensamento único, mas ele pode se fazer.

Há algo de extraordinário nesse momento da história, que é essa produção limitada da racionalidade capitalista extrema e uma produção ilimitada do que seria a "irracionalidade". A racionalidade é resultado de um controle férreo, mas esse controle joga fora do trabalho que admite controle um grande número de pessoas. Se o trabalho é o lugar da descoberta da situação de cada um, o trabalho no fim do século revela uma possibilidade de fugir ao controle.

A exclusão e as formas de trabalho relativas à exclusão, que chamo de "circuito inferior" – num livro que nunca conseguiu ter voga no Brasil, mas que é muito usado na África e na Ásia, O espaço dividido –, é exatamente uma discussão dessa contradição dentro do sistema capitalista, entre uma visão do trabalho por cima e uma visão do trabalho por baixo. Essa obra tem

vinte anos, mas já indicava essa tendência.

O trabalho que é feito pelos pobres, pelos "marginalizados", é portador da liberdade. Diferente do nosso trabalho, que é portador de uma necessidade de enquadramento de cima para baixo, do qual vem nosso sucesso. Esta produção limitada de racionalidade é a mesma produção de menor número de empregos e de atividades ligadas a essa racionalidade. Enquanto que eles chamam de "irracionalidade" outras formas de racionalidade, que criam outras formas de trabalho, essas sim portadoras do novo.

**Existe, nesse cenário, possibilidade de desenvolvimento nacional concebido como um processo que integraria nações, como ocorria no momento em que existiam os projetos terceiro-mundistas?**

Os ideais universalistas nunca tiveram uma oportunidade tão grande de se afirmar. A construção desse mundo novo, dessa outra globalização se dará por baixo, a partir de cada país e em cada país, e não de cima para baixo.

No caso do Brasil em particular não há saída para a Nação fora de um modelo que possa abranger a maior parte da população. A noção de desenvolvimento com a qual se trabalha hoje é puramente ideológica, não tem fundamento na busca do bem-estar. Ela não nos diz como vai ser esse bem-estar, não nos diz quanto tempo vamos esperar por isso, não nos indica quais são os vetores que vão ser postos em ação para chegarmos a isso. Acenam de maneira vaga com a retomada do emprego e do crescimento, mas não dizem muito mais. E toda essa formidável produção que existe hoje no Brasil e que impede que o país se torne um vulcão ainda mais explosivo do que já é, tudo isso não é contabilizado como economia. A economia é aquilo que se refere a uma contabilidade imaginosa, imaginária, fruto da ideologia da globalização. Esse é o debate que estou reclamando e para o qual alguns economistas poderiam trazer a sua contribuição.

**O que seria a mudança civilizacional necessária para organizar uma outra lógica econômica capaz de abranger a maioria da população?**

Seria deslocar a centralidade do dinheiro em estado puro para o homem. Todo esse debate, quando não há crise, gira em torno do dinheiro em estado puro, o homem sendo um elemento residual. E o homem sendo residual, o território, o Estado-nação e a idéia de solidariedade social também se tornam residuais. O que é privilegiado são as relações pontuais entre grandes atores, cuja lógica escapa a um raciocínio que tenha a menor base filosófica, porque falta sentido ao que fazem.

O regresso à idéia do homem como o porquê de trabalharmos está junto e por conseguinte busca estabelecer formas de convivência. É o que está fazendo falta na formulação dos políticos e de uma grande parcela dos intelectuais. Isso empobrece o debate e impede que avancemos; buscamos soluções dentro de um círculo fechado, dentro dessa racionalidade viciada.

O ponto de partida para se pensar alternativas seria então a prática, a vida, a

existência de todos, uma política existencialista. Todos existindo e, por conseguinte, exigentes de respostas às suas necessidades existenciais básicas, redefinidas com a globalização. Voltamos, assim, à idéia do começo: os sistemas técnicos do presente são utilizados para reduzir o escopo da vida humana. Nunca houve na história sistemas tão propícios a facilitar a vida e a felicidade do homem. Descobrimos os sistemas técnicos mais dóceis e doces que já existiram e os empregamos no sentido da perversidade! Nunca a inteligência foi tão necessária para fazer funcionar a técnica como hoje, nunca a inventividade foi capaz de se multiplicar, explorar milhões de possibilidades e todavia só as utilizamos de uma única forma. Porque não há flexibilidade. Está tudo aí, do ponto de vista da materialidade, para que a gente promova um outro mundo. Está faltando o dado político. Mas, de alguma forma, também ele já está surgindo, de baixo para cima. Temos 6 bilhões de pessoas no mundo, mas na realidade 4,5 bilhões não são concernidas por essa globalização.

Num país como o Brasil, a população pobre não tem como participar da globalização e é a primeira a recusá-la. Primeiro porque não tem os meios materiais para isso e segundo pela recusa do trabalho. O trabalho é fundamento da originalidade das soluções. Nós intelectuais temos essa possibilidade, mas as outras pessoas do nosso nível social não têm. Nós, intelectuais, temos mas não queremos. Essa é a coisa nova que está surgindo e da qual os partidos até agora não quiseram tirar partido. Porque recusam o seu papel pedagógico e supervalorizam as preocupações eleitorais. Essa é uma das dificuldades de não se reconhecer a presença de uma outra lógica, contra-hegemônica, se manifestando no dia-a-dia. As pessoas descobrem que são conduzidas e recusam a globalização, pobemente, mas recusam.

**Em sua obra, o senhor destaca bastante o papel das idéias nesse fim de século...**

Em toda a história do homem havia as idéias. Mas hoje as técnicas são todas precedidas por idéias, enquanto antes não era assim, a ciência não era o que levava às técnicas. A tecnociência representa essa indispensabilidade da ciência num momento em que a própria natureza é um pouco dispensada. A história que estamos fazendo é sempre precedida por uma posição de idéias. As idéias têm um papel-motor e o discurso também. Daí a força da retórica. Creio que não acreditamos bastante na força das idéias.

No caso do Brasil isso é muito claro porque as coisas foram se dando de tal maneira que o intelectual não é apreciado. Vivemos num país que ainda não elaborou seu código de aceitação, de apreço do intelectual. Porque ele é queimado rapidamente e "se dá" àquele deputado, senador ou ministro, terminando por se tornar incapaz de exercer seu papel de crítica, que é o papel central do intelectual. De crítica e de apego aos que estão por baixo.

**Pode-se dizer que hoje abandonamos a idéia de natureza, com o ser humano cada vez mais vivendo no meio por ele produzido?**

É curioso que neste fim de século, com a globalização, a natureza tenha ganho tantos holofotes, mas não é gratuito. Quando temos uma globalização

totalitária, utilizando um arsenal de técnicas extremamente poderoso, a natureza é atacada com muita dureza. Ao mesmo tempo, a sociedade que era contida pela natureza nos primeiros milênios, hoje é quem contém a natureza. O que quero dizer é que cada pedaço de natureza vale pelo seu valor social, se tornou global.

A Amazônia é muito diferente nos anos 20, 60 ou 90 em função do uso efetivo, potencial, ou imaginado, desse pedaço de natureza. Então, ao mesmo tempo em que é verdade que os agravos à natureza se amplificaram, é também verdade que não posso interpretá-los fora do quadro da universalidade hoje dado pela globalização.

Esse é o problema central que eu gostaria que perturbasse um pouco o trabalho dos ecologistas, que nem sempre estão abertos a essa discussão. Eles se tornam muito naturalistas, frente a um dado cujo entendimento é apenas possível a partir da história. Numa cidade como São Paulo, o trabalho é a inteligência da inteligência. Porque o que está aí é tudo inteligência e nós não trabalhamos sobre a natureza. Mas o marxismo renitente, não renovado, insiste ainda na idéia de que a história é feita da relação do homem com a natureza, quando na verdade ela é toda mediada pelas idéias e pelo meio técnico-científico.

**Mas o senhor destaca que as alternativas estão sendo construídas a todo momento à nossa frente!**

E não as vemos em função do nosso aparelho epistemológico. Todos somos de tal maneira subordinados à episteme norte-ocidental, que temos enorme dificuldade para pensar diferente. Esse é um problema para as ciências sociais latino-americanas e brasileiras. São por demais escravizadas pelo paradigma do Norte e pela política que daí decorre.

Nunca pensamos o mundo a partir da América Latina. Quem entre nós, intelectuais, pensou o mundo? A gente pensa Europa, Estados Unidos e exclui a África e a Ásia. A própria construção territorial da realidade nos escapa com muita freqüência na nossa elaboração intelectual. Essa é a realidade que cobra de nós uma outra epistemologia.

**Sua obra enfatiza que o território é o local onde os seres humanos podem ter uma vivência integrada. Mas hoje a globalização o fragmenta e impede essa vivência. Qual a importância da idéia de território para se construir uma alternativa a esse processo de fragmentação?**

O território tanto quanto o lugar são esquizofrênicos, porque acolhem os vetores da globalização, que passam por eles para impor essa nova ordem – que eu espero seja passageira. Mas, de outro lado, produz-se a partir de cada lugar a contra-ordem, porque há uma produção acelerada de pobres, excluídos, marginalizados, isto é, de pessoas que não têm como se subordinar permanentemente à racionalidade hegemônica e que estão juntas, como parte de uma vizinhança. Em alguns filósofos, sobretudo em Sartre, essa categoria de vizinhança surge autorizando manifestações da emoção que adoçam o rigor

do pragmatismo na busca da sobrevivência.

Temos, na base da sociedade, um pragmatismo mesclado com a emoção a partir dos lugares e das pessoas juntos. Esse é hoje o mecanismo de insurreição em relação à globalização, essa descoberta de que somos outra coisa e podemos continuar sendo outra, ainda que mudando todos os dias. E com esse número de pessoas aumentando em um espaço reduzido e fazendo todo dia a descoberta da sua incompatibilidade com o que está aí. Elas têm dificuldade de exprimir essa inconformidade, em função do peso do discurso que todos os dias atravessa a vida de todo mundo.

O subtítulo de A natureza do espaço faz referência a essa distinção. É opondo técnica e tempo, que estão juntos, e razão e emoção, que se opõem, mas também estão juntos. Porque essa razão emotiva, a inteligência emocional de que falam os livros que compramos nos aeroportos, é baseada na vida, na existência.

**O senhor procura articular em sua obra um esforço universalista, muito bem concretizado, dialogando muito com questões irredutíveis ao universal...**

Essa irredutibilidade hoje é dada, entre outras coisas, pelo corpo e pelo território, os dois grandes irredutíveis do mundo contemporâneo. O corpo é uma herança e, ao mesmo tempo, o depositário da esperança, do futuro, ainda que soframos a pressão do presente. E o território também, porque ele realiza anastomoses, uma palavra da bioenergia, que significa que ele realiza as combinações próprias dele, que fazem com que ele mude em função do global e a despeito do global.

### **Isso afeta de forma diferente o campo e a cidade?**

É outra vez a esquizofrenia do território. A globalização torna o campo muito vulnerável. O campo moderno é obediente, a cidade, não. Esta resiste, inclusive porque, voltando a Marx, o capital físico, fixo, não se moderniza rapidamente, enquanto no campo sim. É por isso que a cidade atrai tanta gente pobre, produz tanta gente pobre e se fortalece do ponto de vista da produção do futuro, da produção política. Porque isso leva a uma produção econômica, a uma produção cultural variável e a uma produção política na cidade. A cidade é um ente econômico cuja existência é menos dependente, seja da globalização, seja do Estado central. É nisso que ela faz renascer a Nação.

**Celso Furtado diz que a globalização representa uma interrupção do processo de construção nacional. O senhor destaca o processo de fragmentação do território. São duas facetas do mesmo processo?**

Creio que sim. Eu parto do território, o Celso, apesar do seu talento multiforme, parte da economia e da filosofia, porque não é um economista vulgar. Então, são os dois complementares. Há uma fragmentação à medida em que o Estado torna-se incapaz de administrar em conjunto os pedaços do

território. Essa administração em conjunto é impossível ao Estado, mas também é impossível aos vetores globais. Cria-se, então, uma desordem no território. A cidade é uma desordem também. Mas ela tem a sua ordem, econômica, cultural, política, olhando de múltiplas formas o futuro.

O campo olha muito mais para o presente. Tenho uma visão otimista, porque creio que a Nação – despedaçada sobre o território como um todo – se refugia nas grandes cidades. E acaba por impor ao país a sua cultura e a política da sua cultura. É uma construção da vontade de ser cidadão e que deverá se materializar em participação política, em uma retomada do processo de construção nacional. Essas são as forças centrípetas.

O processo da globalização, tal como se dá hoje, é centrífugo. Ele é produtor de uma fragmentação crescente em todos os níveis: os jovens contra os velhos, os funcionários públicos contra os privados, uma região contra outra etc. Temos uma multiplicação de fragmentações que se acumulam. Ninguém fala mais do mercado nacional; quando os industriais se reúnem hoje com os operários, eles falam da produção, não falam do mercado nacional. A palavra foi banida do vocabulário.

**Teria deixado de existir um espaço de integração nacional que esse mercado propiciava?**

Essa ideologia do mercado nacional, que na minha geração era apontada como a grande saída para melhorar a vida de todo mundo, ficou em segundo lugar. Então, os discursos pragmáticos, ainda que aparentemente futuristas, recusam a palavra. Já estamos atingindo os limites do discurso ideológico da globalização e do dinheiro. A imprensa começa a dar estatísticas que não surgiram durante quatro anos. As pessoas começam a não mais considerar o real como um dado isolado e a colocá-lo num sistema. E quando colocamos as coisas num sistema, o nível de consciência aumenta. A primeira reação da população pobre, como qualquer outra, é a do consumo também. Está brigando para ser cidadã, mas primeiro quer consumir. Isto é normal. Depois é que se descobre que não basta consumir, ou que para consumir de forma permanente, progressiva e digna, é necessário ser cidadão. Dizem com desdém: "o pobre quer televisão" – e por que não? Na verdade, um mínimo de consumo é condição indispensável para ser cidadão. Agora, isso deve conduzir a outra organização política do Estado, a outra arquitetura política. O que estamos vendo é uma reforma da Constituição de cima para baixo, para responder aos imperativos do ajuste neoliberal. Mas haverá outra etapa, que é o encontro desses vetores de cima para baixo com os vetores de baixo para cima.

**O senhor destacou inclusive a necessidade de outra forma de organização da Federação...**

Acho que isso vai acontecer. Meu medo é que não estejamos preparados para o debate, como não estivemos em 1988. Não tínhamos, então, o fundamento "acadêmico" para fornecer aos políticos. Os políticos não são obrigados a ter idéias coerentes, mas nós – intelectuais – somos, e não estávamos em condições de lhes oferecer. O meu medo é que continuemos sem ter esse

material para entregar aos sindicatos, às igrejas, aos partidos, aos grêmios etc.

Essa nova forma de organização da Federação partia dos de baixo, dos excluídos pelo processo da globalização. Quem se comunica pela Internet não são os de baixo. Essa comunicação distante não é própria deles. Os lugares são feitos sobretudo pelos de baixo, são eles que se comunicam nos lugares, são eles que estão reclamando alimentação correta, saúde, educação para os filhos, lazer, informação e consumo político – que é uma reclamação também não muito clara, mas que vai aparecer daqui a pouco, a partir de uma base local. Uma nova distribuição de atribuições, de recursos, a consideração dos novos direitos que a globalização e suas técnicas levantam, uma nova idéia de democracia, tudo tem que ser retrabalhado a partir de lugares.

A política local hoje não é obrigatoriamente caipira. Antes da globalização, nas fases em que os lugares não se comunicavam, em que os lugares eram locais mas não globais como hoje, as visões eram caipiras, ou tendiam a ser provincianas. Hoje não, podemos ter todas as visões, mundial, nacional, local, a partir do lugar. São condições que o mundo da globalização oferece para essa reforma política e que não eram possíveis antes. São fenômenos como essa multiplicação de telefones, rádios, imprensa local, as dezenas de revistas como a sua, que encontram clientela, seguidores.

**Essa nova arquitetura política teria como referência o terreno local das grandes metrópoles?**

Em parte. Mas as cidades médias são porta-vozes igualmente importantes dessa esquizofrenia. Porque elas recebem de fora as instruções para acorrentar os que trabalham em suas regiões e ao mesmo tempo elas transmitem demandas, inclusive aquelas que vêm do fato de as pessoas não entenderem mais os processos onde estão inseridas. O produtor de frango faz o frango como a Sadia manda fazer, mas não entende porque fica pobre, porque não cresce. Daí essa demanda de compreensão que a cidade intermediária de alguma maneira fornece, através de veículos de imprensa transversais como o seu, como Caros Amigos ou Carta Capital, como de certo modo a República. A materialidade que o mundo da globalização está recriando permite um uso diferente daquele que era o da base material da industrialização.

A informação e as indústrias da informação exigem mais inteligência, permitem mais flexibilidade e com pouco recurso você comunica, pode ter uma Internet democratizada. É por isso que sou otimista em relação ao potencial emancipador dos meios técnicos utilizados a partir da política de baixo. A política dos de baixo não é a do ministério reunido ou a do comitê central dos partidos. São as pessoas vivendo, existindo e falando umas com as outras, pessoas que têm necessidade da codificação e da síntese política em novas instituições.

Nós estamos fazendo aqui uma síntese política que não é comprometida com nenhum partido. São dois momentos políticos: um do intelectual público, outro dos partidos. O intelectual público é cada vez menos o intelectual

cosmopolita, internacionalizado. Este está ameaçado de apodrecimento, porque é sempre obrigado a ceder, a não se aprofundar, a aceitar uma linguagem mais racional, enfim, a ser traduzido. Enquanto o intelectual público tem um discurso forte, um discurso político. E aí vêm os partidos, que correspondem a outro momento, o momento da conversa orientada, da discussão medida, do acordo, do encontro, da votação. Nossa trabalho é sermos radicais. E o político tem como seu trabalho central negociar. O problema é que, por enquanto, não há como os intelectuais e os partidos trabalharem no mesmo terreno.

Uma síntese política tem que ocorrer também no Estado, porque em última instância novas relações têm que se materializar em organização político-jurídica, no sentido estatal. E isso implica em cristalização de correlação de forças, mudança de instituições. Uma mudança profunda. Uma coisa que me choca é que percebo, pelos contatos obrigatórios com as empresas, que elas legislam mais fortemente o meu cotidiano do que o Estado.

A noção de democracia, de cidadania, tudo isto tem que ser revisto. Essa discussão de mudança do Estado, sem discutir como o poder se exerce, é vazia. Nos venderam a idéia de que as empresas são a economia e o Estado é o poder. Não é nada disso, as firmas são o poder.

Quando a Sadia estabelece uma rede de fornecedores, ela está mudando a economia dessa parte do território, estabelecendo novas relações societais. Ela está imprimindo uma direção aos orçamentos públicos.

Não estamos discutindo no Brasil essas questões, ou em todo caso, não temos trabalhado de maneira sistemática para oferecer os elementos que podem servir de base ao discurso político dos partidos.

Meu grupo de pesquisa está trabalhando, a partir deste ano, sobre o que chamamos de "empresas territoriais", sobre a relação das empresas com o território, estudando como elas acabam governando o território, por sobre os municípios, estados e até mesmo a Federação. Se chegarmos a algumas idéias, não digo nós, mas cem ou duzentos grupos como os nossos, ofereceremos uma radiografia do país, uma contribuição a essa produção de um novo tipo de Estado, com outra forma de organização da economia e outro recorte das atribuições do Estado e das empresas em função do homem e não das próprias empresas. O problema hoje é que tudo é feito para que algumas empresas sejam vigorosas e o homem torne-se residual. Mas se partirmos do território, é impossível excluir o homem, porque o território não exclui ninguém. Estão o rico, o pobre, o negro, o branco, o culto, o analfabeto, a grande empresa, o ambulante, todo mundo junto. Este existencialismo territorial pode oferecer análises úteis para que o especialista da coisa política reelabore.

Essa é a nova geografia que estamos tentando instalar, que é mais complexa e mais humilde também, porque parte das coisas simples. Mas creio que pode ajudar.

\***José Corrêa Leite** é editor do jornal *Em Tempo* e membro do Conselho de

Redação de TD.



## Entrevistas: Gilberto Gil entrevista Milton Santos

Enviado em 11/12/03 - 11:23 por siteadmin

### Um encontro

São Paulo, 01 de setembro de 1996

**Gilberto Gil** - Professor Milton, eu não preparei nenhum roteiro especial, até porque não me sinto capaz de especular sobre a sua área de conhecimento e trabalho, mas como tenho interesse em que seu pensamento, suas idéias estejam divulgadas no nosso site, eu ainda assim quis conversar consigo e saber algumas coisas. Gostaria primeiro que o senhor nos desse uma idéia da sua formação, o início, os primeiros tempos na Bahia, como intelectual e em sua disciplina universitária.

**Milton Santos** - Eu estudei Direito e já estudante de direito ensinava geografia, que descobri ser realmente o meu grande interesse. Foi isso que me levou a fazer um doutorado em geografia na Universidade de Estrasburgo, na França, e daí por diante comecei uma carreira de pesquisa, na Bahia mas também em outros países, que me conduziu a diversas aventuras intelectuais que se ampliaram a partir de 1964, por razões conhecidas, quando eu tive que deixar o Brasil. Creio que minha carreira começa com estudos empíricos, isto é, tentar descrever simplesmente o que era a realidade territorial e social aqui e ali, na Bahia sobretudo, mas também no Brasil e fora do Brasil. Depois, passei a ter um interesse mais teórico, mais epistemológico. Isso coincide com a minha distância do Brasil, quando o objeto concreto de trabalho não estava presente, a possibilidade de informação reduzida. Há dois abrigos para os homens, um é a terra e o outro o infinito. Então eu me abriguei nessa área mais de pensar o mundo, de pensar os lugares, e tentar uma geografia mais abrangente, mais uma metageografia do que mesmo geografia.

**GG** - Essa contextualização nova do interesse geográfico lhe ocorreu a partir de Estrasburgo, ou já da Bahia, ou possivelmente no professorado aqui no Brasil?

**MS** - A Bahia é sempre o centro, mas eu creio que essa ruptura ocorre a partir do fim dos anos 70. Até os anos 70 eu estava na França. Não era minha terra mas era um pouco minha terra. Depois eu tive que trabalhar nos Estados Unidos, no Canadá, na Tanzânia, na América Latina. É uma forma de desagregação e a vontade de evitar a desagregação, essa retomada da unidade do homem, é que me jogou, no caminho da filosofia, junto à minha ignorância crescente do Brasil. Acho que foi sobretudo isso.

**GG** - Nesse percurso, nesses lugares que o senhor mencionou, França, Estados Unidos, Tanzânia, Brasil, incluindo Bahia e São Paulo, o senhor esteve nesses lugares sempre na situação de aprendiz e mestre, professor e estudioso? Aonde o senhor esteve como professor, aonde o senhor esteve estudando?

**MS** - Eu estive como estudante somente em Estrasburgo, nos anos 50. A partir de 64, na França, sempre como professor, que passou a ser a minha atividade central praticamente única.

**GG** - Nesse conjunto pensando sempre e escrevendo, e também professor?

**MS** - Ah sim, o tempo todo.

**GG** - Quantos livros?

**MS** - Creio que são uns 40. E uns 300 artigos científicos.

**GG** - Eu gostaria que o senhor me falasse um pouco de um conceito, que eu sei que está nos seus livros, eu não o li, mas o senhor mencionou numa palestra que fez na Câmara de Vereadores de

Salvador, onde eu era vereador alguns anos atrás, que é o conceito de fase popular da história. De onde o senhor tirou isso? Porque estaríamos, segundo o seu sentimento, seu conhecimento, numa Fase Popular da História, o que quer dizer isso com relação a outras fases que a história humana tenha vivido?

**MS** - Eu creio que o homem ocidental se acostumou a pensar a história a partir de um processo, que é dito às vezes revolucionário, mas que é linear, porque o homem ocidental pensa a história a partir da técnica, cujas grandes mudanças praticadas são sobretudo quantitativas, e só aparentemente qualitativas. É a quantidade de razão incluída nos objetos que permite ao homem o chamado progresso, uma outra visão do mundo, uma outra possibilidade de atacar a natureza e de, assim, produzir relações etc. Eu creio que nós estamos entrando em uma fase diferente, porque vai haver uma mudança qualitativa extremamente forte, onde tudo vai se submeter ao homem e não à técnica, ela própria comandada pela produção como tem sido até hoje. Bom, essa tese nova é de difícil aceitação, porque de um lado ela parece se chocar com a maneira de pensar que nos foi ensinada pelos europeus, diante dos quais nós temos tendência a ser muito reverentes, mas por outro lado essa nova tese resulta não apenas de uma vontade de esperança e de uma crença no futuro, mas de uma leitura diferente do fenômeno técnico, uma leitura mais filosófica do que pragmática. O fenômeno técnico é por definição também uma forma de produção da inteligência do homem...

**GG** - É como uma extensão da mente.

**MS** - Exato.

**GG** - Dos corpos e das mentes. Mecanismos e pensamentos...

**MS** - ...ligados á forma de viver que vai se modificando a partir das formas do fazer. Nesse sentido, creio que a urbanização e a urbanização acelerada, urbanização devastadora e, sobretudo no nosso país, a forma como as nossas cidades cresceram, assim como as africanas e também as asiáticas, são um estouro, criado a partir das novas tecnologias e cheio de consequências inesperadas. As novas tecnologias empurram o homem para as grandes cidades, porque o campo se moderniza ...

**GG** - Ele próprio se torna praticamente uma extensão da cidade.

**MS** - O campo se esvazia e, é a cidade que tem muitos e diversos empregos e o campo gravita em torno de uma ou algumas atividades, então ele expulsa as pessoas, que vêm então para a cidade. Vêm para a cidade para serem pobres. Alguns melhoram de vida, mas a grande massa permanece pobre, e este fenômeno de pobreza na cidade hoje está também presente no hemisfério norte. Cada dia eu me convenço mais que os pobres são mais fortes do que nós da classe média e do que os ricos, porque os pobres é que tem a possibilidade de sentir e pensar. O nosso pensamento é enquadrado, primeiro pelo nosso interesse, mas também pela forma como nós instrumentalizamos tudo, até mesmo os nossos bairros, as nossas casas. Tudo isso é uma prisão para o pensamento. Ora e aí entra uma outra discussão filosófica, epistemológica: a necessidade que eu estou sentindo agora de recusar a epistemologia do iluminismo que nos ensinou a fraqueza dos pobres.

**GG** - O chamado conforto burguês.

**MS** - O grande conforto burguês, traz uma preguiça intelectual.

**GG** - É a renúncia a isso, renúncia a atividade pulsante da mente e do corpo no sentido mais rigoroso.

**MS** - Exato. E o conforto supõe pragmatismo, supõe um investimento cada vez maior em pragmatismo. Quem pensa o novo são os homens do povo e seus filósofos, que são os músicos, cantores, poetas, os grandes artistas e alguns intelectuais.

**GG** - O bardo.

**MS** - O bardo e alguns intelectuais, num mundo que está assassinando os intelectuais. É muito difícil ser intelectual hoje porque os intelectuais querem ser "establishment". Então eles perdem a possibilidade de interpretação do movimento, perdem a possibilidade de se casarem com o povo, e de se casarem com o futuro. Creio, porém, que apesar disso, apesar do peso da ciência, nós estamos nos encaminhando para uma outra era no mundo inteiro, em grande parte por causa das novas tecnologias. Um pequeno exemplo: não há nenhum milagre maior do que a forma como a cultura popular está tomando revanche sobre a cultura de massa. Há 20, 30 anos atrás, a gente se preocupava com a idéia de que a cultura de massa iria esmagar a cultura popular. Nada disso, estamos vendo...

**GG** - a cultura popular se apropriando das ferramentas possíveis...

**MS** - ...isso é objeto de uma entrevista sua que eu li recentemente.

**GG** - Sim, de vez em quando eu toco nesse assunto, porque é um tipo de pensamento, tipo de reflexão que me ocorre, não com rigor que o senhor tem e com a persistência, a perseverança.

**MS** - Eu sou pago para fazer isso. (risos)

**GG** - Também me interessa, e sem dúvida aqui e ali eu menciono esses arroubos de sentimentos. E quais seriam as consequências básicas que o senhor antevê, para essa fase, essa apropriação?

**MS** - Acho que vai haver uma grande mudança política, mas nós não temos noção dessa possibilidade, dessa enorme mudança política, por causa da violência da informação que é um traço característico do nosso tempo. A brutalidade com que a informação inventa mitos, impõe mitos e suprime o que a gente chamava antigamente de verdade, essa violência da informação e das finanças, criou uma certa idéia tão forte do mundo atual que a gente fica desanimado diante da possibilidade de um outro futuro. Mas se a gente se detém a pensar na maneira como o mundo está funcionando, na maneira como os pobres se apropriam da tecnologia... Os pobres e oprimidos estão fazendo, de uma maneira extraordinária, o uso das novas tecnologias, no seu trabalho e em seus assaltos, por exemplo, e estão encontrando e defendendo idéias aí pelo mundo afora e de que a gente fala pouco...

**GG** - As várias formas de pirataria. (risos)

**MS** - A cidade é o lugar ideal, porque é o lugar onde todo mundo se comunica. Em todo caso se comunica mais do que em outra parte. Esta presença dessas massas que se levantaram com uma força não conhecida em nenhuma outra fase da história, essa mobilidade, esse roçar cotidiano que constitui um debate diário dissimulado ou ostensivo ...

**GG** - Uma caixa de fósforos ali onde se risca -- faíscas a qualquer momento! (risos)

**MS** - E como manifestação que a gente não está ainda consciente... Mas eu creio que isso tudo vai ser canalizado, porque o horror não pode ser permanente, a barbárie que nós vivemos, o horror que nós vivemos não pode durar indefinidamente.

**GG** - O senhor sente indícios desses encaminhamentos? A perspectiva futura esta colocada claramente como o senhor diz, e os indícios? O senhor diz: a informação ainda encobre tudo, ainda afasta a visão mais clara desse brotar, dê exemplos, dois ou três indícios.

**MS** - Eu creio que um deles é a forma de solidariedade, muito numerosa entre os pobres, que nós não vemos porque a universidade se interessa pelo escândalo, que mesmo pelo fato. A universidade se tornou, também ela, subordinada à mídia e à moda, porque a carreira em grande parte é subalterna à moda. Como a universidade estimula o carrerismo, em vez de estimular a profundidade, a maior parte das pesquisas não é para as coisas desse gênero.

**GG** - O que está vindo. Para tentar manter o que já está.

**MS** - Ou diabolizar certas manifestações.

**GG** - No sentido de neutralizá-las, como emergência.

**MS** - Eu creio também que há novas formas de produção econômica na cidade. Que 16 milhões de pessoas, em São Paulo, subsistem. Mas apenas se fala em estragos, assaltos. Quero dizer que há uma produção econômica a partir da co-presença e da solidariedade entre os homens e há por outro lado formas de produção autônoma como creio que seja seu trabalho, como creio que sejam, em grande, esses 500 mil -- há 500 mil sujeitos que saem todo fim de semana de São Paulo! -- meio milhão de pessoas e que vão para bares e festinhas tudo isso são forma de organização econômica, produto da adaptação às novas condições. Quero dizer que tudo isso é um sub-produto da informação. A informação ela é controlada no topo, mas deixa escorregar outras formas que são aproveitadas pelo que se chama de periférico, mas que, na verdade, é a grande maioria da sociedade. O drama é que tudo isso vem com a morte da política, pois os partidos se recusam a ser políticos, e querem ser apenas eleitorais, mesmo os partidos de esquerda se recusam a discutir a sociedade a partir do que ela é.

**GG** - E quando o senhor diz a morte da política, por consequência a morte do Estado, que está submetido ao jogo político. O Estado é administrado, nutrido, gerido, é processado pela política. São os políticos que se elegem aos cargos de governo, são os presidentes eleitos que nomeiam os ministros, os deputados que legislam em função do que é proposto pelo executivo etc.. Esse grande organismo chamado Estado que esteve historicamente incubido de arbitrar e mesmo de administrar muito da vida social, estabelecer os fluxos, abrir os canais as possibilidades de interação entre os vários conjuntos sociais, produzir a distribuição da riqueza, produzir os elementos que vão dar suporte a produção, ao fazer humano no sentido social moderno. Esse tal Estado evidentemente com a morte da política também...

**MS** - Se enfraquece.

**GG** - Se enfraquece, desaparece.

**MS** - Passa a ser instrumento do mais forte com o neo-darwinismo social a que nós estamos assistindo agora. O processo atual de globalização agrava essa problemática. Essa globalização não vai durar. Primeiro, ela não é a única possível, segundo, não vai durar como está, porque como está é monstruosa, perversa. Não vai durar, porque não tem finalidade. Para que nós estamos globalizando, para aumentar a competitividade? Para que serve isso? O mercado global, o que é isso? Quem já viu esse mercado global? É o cachorro correndo atrás do rabo. E há o que, quem trabalha com a técnica chama de disfunção da técnica. Todo o processo tecnológico produz suas disfunções e convida a um novo avanço, tanto na tecnologia como na organização. Então, no caso atual, está havendo todos os dias avanços na tecnologia. Na organização o que está havendo é o avanço do comando unificado porque se diminui o número de empresas e se fortalece o papel de organismos centrais, de finanças...

**GG** - De políticas econômicas, de políticas de produção...

**MS** - E como essas políticas são cada vez mais globais, por conseguinte cada vez mais verticais..

**GG** - Portanto não são mais políticas.

**MS** - Não são mais políticas e elas não estão se preocupando com quem vai ser objeto dela. E daí é uma das razões porque a gente acredita outra vez na coisa do tempo popular.

**GG** - Eu gostaria que o senhor insistisse aí: porque a palavra popular?

**MS** - Eu não quiz usar democrático porque é uma palavra que ... (risos)

**GG** - Já foi e está apropriada, já foi desapropriada. (risos)

**MS** - Popular porque, cada vez menos as coletividades são chamadas a ter a palavra. Não é possível! Porque a forma como a tecnologia é utilizada por grupos cada vez menos numerosos para buscar unicamente lucro ou mais valia, não tem finalidade. Qual a finalidade, de que uma grande empresa bancária quebre a outra? Hoje nós estamos no reino da "nonsense" total e global. As massas estão de alguma maneira contidas pela informação, elas também estão contidas pela produção abstrata das universidades. Não é que a gente não vá ver o povo, só que o pensamento não parte daí porque a nossa maneira de começar a pensar é inadequada. Acho que tudo depende de como começar a pensar. Mas voltando à questão, o fato é também que as classes médias no mundo inteiro começam a descobrir que não mandam nada. Isso pode ser importante.

**GG** - Definitivamente proletarizadas nesse sentido político, ainda que não no econômico (também já começam a estar), mas no político sem dúvida alguma.

**MS** - Mesmo na Europa as classes médias estão perdendo poder...

**GG** - Até porque na Europa, eu acho que o que se chama de povo é todo da classe média, basicamente.

**MS** - Exatamente. Só que agora estão perdendo as vantagens sociais, perdendo o emprego.

**GG** - Portanto estão se tornando povo no sentido simples.

**MS** - Eu creio que essa cortina de fumaça extremamente densa que se estabeleceu pelo que estou chamando violência da informação, nesses últimos 30 anos, é que está chegando ao limite. Então há uma busca de outra coisa, uma busca que é confusa por enquanto. Eu acho o que a gente chama de povo tem uma enorme sensibilidade mas não pode ter o entendimento, porque o mundo é muito complexo.

**GG** - Professor, uma questão no meio. O senhor não acha que esse processo todo do sistema, enfim, as relações corporação para corporação, a troca dos interesses fechados, a alienação absoluta do que seja o interesse coletivo, a morte da política, a morte do Estado, etc., antes do desembocar nesse oceano da novidade, popular, da criação, do fôlego, da ânsia, do desejo da sobrevivência popular, através da criação de uma novidade qualquer, de um novo Estado, das novas instituições, o que quer que seja, o senhor não acha que antes disso tudo esse velho sistema, o "ancien régime", não vai passar pela fase da hipertrofia final, a fase hipertrofiada do sistema, como uma coisa do tipo "governo mundial", por exemplo?

**MS** - Há essa busca, e já está se dando, de alguma maneira, nas finanças.

**GG** - Nas finanças já existe, sem dúvida alguma. No campo mesmo das organizações, com o crescimento e fortalecimento dessas organizações do tipo onU, até de outras; fundação de congressos internacionais, Parlamento Europeu, primeiro as configurações regionais, planetárias-regionais desse processo, e depois uma configuração final, realmente global através de um governo mundial, com congressos onde corporações nacionais econômicas e políticas tenham representações, nações com senados e câmeras constituídos globalmente, internacionalmente para gerir questões do tipo ecologia, problemas nas reservas ecológicas, que são de interesse internacional, problemas do tipo tráfico de drogas, que são problemas que não podem ser solucionados parcialmente por nenhuma nação e nem mesmo por pequenos conjuntos de Estados. O que o senhor acha disso?

**MS** - Na realidade, são duas tendências que vão terminar se chocando. De um lado esse governo das coisas que busca verticalizar tudo, como o Banco Internacional de Berna que disciplina o trabalho bancário no mundo inteiro, e, de outro lado, uma certa vontade de moralidade internacional que seria o apanágio do homem outra vez. A dificuldade é que nós ainda estamos confundindo direitos do Homem com direitos humanos. Os direitos humanos estão indo bem, agora quanto aos direitos do Homem ainda estamos muito atrasados.

**GG** - Faça um pouco a distinção.

**MS** - Os direitos humanos estão ligados à espetacularização do sofrimento de algumas pessoas, bem colocadas para produzir o espetáculo, e aí há uma mobilização espetacular mas que não resolve o caso de cada indivíduo.

**GG** - Não chega lá.

**MS** - Mas uma coisa da nossa área que estive pensando recentemente: o número de estádios de futebol que se criaram no mundo nos últimos anos, isso junta ao número de enormes clubes ...

**GG** - Esses são o indícios nesse sentido contrário, no sentido da reação, como o organismo humano reage.

**MS** - Nessas casas de diversão paulistas, cariocas, etc., onde eu infelizmente não vou mais, há quantas pessoas? São milhares.

**GG** - Uma nova sinergia, uma massa crítica que está se formando. E nesse sentido, o paradoxo não se instala de novo de uma forma dramática para o sistema? Quanto mais verticalizado se torna o sistema mais horizontalidade ele promove potencialmente?

**MS** - A horizontalidade, aí é um outro problema para a epistemologia, porque nos ensinaram, e, nós continuamos ensinando, que nós pensamos com o cogito - "eu penso, eu existo". Não é nada disso. A verticalidade exacerba essa idéia do pensamento calculante, racional.

**GG** - O controle.

**MS** - E a emoção? E é isso que eu acho que está voltando, o poder da emoção que se dá no horizontal, porque são os homens que se encontram, é o mundo das surpresas, e surpresa é sinônimo de futuro. O problema é que a codificação dessa situação é difícil.

**GG** - Mas que havendo um vertical, o que seja, o que se manteve, ele vai ter que cair. (risos)

**MS** - Acho que já começa a cair, mas se restaura...

**GG** - Se restaura sempre na mesma altura ou ele vai perdendo? É como se essa mundialização gerida a partir desse sentido criptocrático dos pequenos grupos cada vez menores e cada vez mais poderosos, será que também eles não estão vivendo uma ilusão e que de fato o que está acontecendo seja o estender desse lençol horizontalizante da sociedade?

**MS** - Acho que a questão crucial é o trabalho, porque é pelo trabalho que a gente vai chegar lá. Porque cada um de nós é dois, então nós somos o homem que tem que trabalhar para alimentar a família, pagar o aluguel, educar os meninos etc., e aí a gente se subordina ao comando de quem produz o emprego. Na medida em que o emprego deixa de existir, deixa de ser permanente, deixa de ser suficiente, e na medida em que eu começo a descobrir o mundo e vejo que as coisas se passam mais ou menos igualmente por toda parte,...

**GG** - Cá embaixo.

**MS** - Eu creio que algo está se gestando com a dificuldade, de um lado de uma quantificação, de entendimento codificado, porque contraria todas as teorias e práticas vigentes nesses séculos todos, que nós adoramos, e de outro a dificuldade de transcrever isso na política, que deixou de existir.

**GG** - Como é que o sistema que trabalha para manter esses instrumentos de controle de verticalidade etc, etc. como é que ele vai sustentar o fato de que é ele próprio que provoca cada vez mais a aglutinação do pensamento oposto? Esse é o paradoxo moderno que me interessa profundamente, o sistema ele precisa de otimização, ele precisa cada vez mais de mercado, ele precisa cada vez mais de ampliações, ele precisa outorgar a massa, ao povo, a condição: seja a

cidadania, seja renda, seja acessos a conhecimentos, tecnologias etc, etc, etc.. Como é que ele se sustenta então, se na verdade o que ele faz é alimentar o inimigo?

**MS** - E há uma outra coisa que eu queria incluir na nossa conversa, é que pela primeira vez na história da modernidade o homem é o senhor da técnica, coisa que ele nunca foi, durante o tempo da chamada natureza que sempre foi hostil ao homem. O homem não mandava em nada pois as suas descobertas eram subordinadas as condições ambientais, hoje é que o homem começa a ser autônomo.

**GG** - Criou suas segundas, terceiras, quartas naturezas. Próximas, intocáveis por eles.

**MS** - Hoje, a "natureza" cada vez mais se retira, este desencantamento do mundo, que a globalização acelerou, criando cada vez mais diversidades baseadas no artifício de que as cidades são exemplo e permitindo uma fluidez fundada em pontos do planeta devidamente equipados e produzindo relações verticais. Só que paralelamente haveria de se descobrir como utilizar essa diversidade: os ecologistas falam de biodiversidade, e eu estou chamando a cidade grande de o lugar da sociodiversidade, quero dizer quanto mais sociodiversidade mais riqueza.

**GG** - Sociodiversidade, vários microorganismos em interatividades.

**MS** - Em profissões, em formas de trabalho.

**GG** - Sociais, operacionais, técnicos, vivenciais etc..

**MS** - O dia em que descobrirmos a fórmula de potencializar as relações, porque é isso que cria a riqueza. A grande riqueza hoje é gente, é o homem. A partir das novas tecnologias, esse poder do homem aumenta, só que atualmente, se privilegia sempre a tecnologia mais recente, que não é necessária para o bem estar da maior parte da população. Então o acesso fica cada vez mais limitado.

**GG** - Vou dar um saltozinho, mas está nisso tudo -- e a reforma agrária? O senhor falava em algum momento na tendência para a reunião, muito ao contrário do que almeja a reforma, no sentido idílico de reforma agrária que é a divisão tranquila, equânime da terra etc, etc.. Como o senhor vê isso hoje?

**MS** - Eu acho uma coisa muito difícil de falar no Brasil.

**GG** - Porque o politicamente correto exige por um lado...

**MS** - Mas uma análise digamos fria, não descomprometida, leva a pensar que a reforma agrária é uma herança romântica. Corresponde ao mundo que não existe mais, que no Brasil ainda se justifica porque tem muito analfabeto no campo.

**GG** - Quando o senhor diz que ainda se justifica, significa que no Brasil ainda é possível pensar de alguma maneira na reforma agrária para alguns setores, num sentido parcial, numa escala menor, que dure o que possa durar?

**MS** - Exato. Mas parte da esquerda, e entre meus colegas e meus alunos, alguns ficaram zangados, porque há toda uma forma de pensar obediente ao politicamente correto, à necessidade de slogans...

**GG** - Então esse mito da reforma agrária, tal como ele vem sendo sustentado até aqui, não tem futuro.

**MS** - Ele tem que ser revisto se a gente quer tratar a questão seriamente, porque o mundo de hoje é o mundo da circulação, não é o da produção. Antigamente a produção se servia da circulação, hoje é o contrário: é a circulação que decide da produção. Por conseguinte é pouco entregar terras.

A fixação na terra é ilusória porque não resolve realmente o problema. Quem ainda encontra solução são as cooperativas, que já são uma tendência à conservação. A reforma agrária também é um fator de modernização, então ela vai acelerar uma série de outros processos modernizadores que levarão à sua desagregação também. O que é que, a médio prazo, nós queremos no país? Dar comida a todo mundo, dar emprego a todo mundo, melhorar o nível de vida das pessoas. Não é obrigatoriamente reforma agrária.

**GG** - Com a fixação obrigatória da família àquele pedaço, e à determinadas tecnologias que devem permanecer por toda vida, e coisas desse tipo. Porque a pequena gleba, de uma certa forma, nesse sentido clássico, acaba levando a isso.

**MS** - É um obstáculo à inserção no progresso técnico e mesmo no progresso organizacional.

**GG** - Agora como se explica por exemplo o fenômeno dos sem-terra, o fenômeno ambulante, o fenômeno político nesse sentido. Essa circulação dos sem-terra, que aparecem dos vários lugares, que se multiplicam, que se organizam, que se submetem aqui e ali as manipulações de outros interesses; o que é esse fenômeno dos sem-terra?

**MS** - Na realidade, eu não os estudei de perto.

**GG** - Eu sei, mas a sua percepção à distância...

**MS** - É uma forma dessa mobilidade atual dentro do mundo, favorecida por uma vontade política, legítima, porque eu creio que os sem-terra constituem uma boa coisa no Brasil, são os únicos que ainda podem protestar, os outros brasileiros têm dificuldades de protestar por causa da relação de emprego.

**GG** - Patronal. (risos)

**MS** - Eles são como se tivessem procuração do resto do país para protestar. Daí a simpatia. Vejo muita gente que não está de acordo com eles mas tem simpatia porque eles fazem por nós o trabalho de protesto. Mas eu não creio que a reforma agrária como colocada romanticamente, tenha muito futuro não, porque...

**GG** - O objeto da questão que está por trás, a terra, o pedaço de terra que é o objeto da conquista, é uma coisa que também não tem futuro.

**MS** - O que é curioso é que na Europa, o vigente no momento atual é a concentração das terras ou o convite a plantar menos, ou mesmo a não plantar. Mas os Estados, preocupados com a segurança nacional, estimulam a permanência de uma certa quantidade de produção. Cada país quer ter a sua produção nacional estratégica. No Brasil, onde essa idéia de nação está sendo rapidamente assassinada pelo aparelho do Estado, donde aparece como extremamente contraditório, porque nós produzimos para vender e aceitamos tranquilamente comprar maciçamente também quando a ocasião se apresenta; então essa idéia de relação obrigatória, entre um dado homem, e um dado pedaço de terra me parece ter muito pouca esperança. Tudo desemboca nas cidades. Há cidades que são chamadas de inchadas, não sei até que ponto são realmente inchadas, não sei até que ponto há uma saturação real ou não, mas aparecem como um problema essas cidades. Depois os mais baixos salários hoje tendem a ser urbanos, não são rurais. De modo que o mito da cidade não aparece mais como aquele eldorado que era ...

**GG** - Há 30, 50 anos atrás.

**MS** - Há 50 anos atrás. A tendência da agricultura é rapidamente se mecanizar, se capitalizar. O campo aceita mais rapidamente o capital novo do que a cidade. O campo é mais receptivo, permeável ao grande capital, então rapidamente as famílias vão se estabelecer e vão descobrir que não tem muita chance. Exceto se se incluirem em um processo centralizador, como no caso dos frangos etc., onde o pequeno produtor está ali, mas é verticalmente obediente até nos processos, do cotidiano da produção.

**GG** - Planejamento da cidade, da indústria do capital.

**MS** - Do grande capital. Então manter essa ilusão da reforma agrária como solução me parece inadequada.

**GG** - Eu tinha esse sentimento.

**MS** - Pensando no atual mais do que no futuro. Pensar hoje centenas e milhares de pessoas.

**GG** - Por isso que eu coloquei a questão do sem-terra. A terra e o sem-terra, mas os sem-terrados são a circulação. Há uma certa demanda reprimida que precisa ser satisfeita. É preciso dar um pouco de reforma agrária.

**MS** - E se tornou uma frase política, respeitada até pelas direitas.

**GG** - Muito mais por eles do quem quer que seja. (risos)

**MS** - Só a extrema direita é que ...

**GG** - Rejeita.

**MS** - Mas todo mundo quer a reforma agrária, então não há mal nenhum. Você divide a terra mas não tem que entregar daqui a pouco. O politicamente correto.

**GG** - Professor, uma última coisa, dentro desse conjunto de variáveis; população, é um tema de recente popularidade com o tal Summit internacional que houve agora promovido pelos grandes organismos internacionais, essa coisa da explosão demográfica.

**MS** - Não me assusta a explosão demográfica.

**GG** - O senhor duvidava um pouco do inchaço da cidade.

**MS** - Não me assusta. São Paulo cresceu enriquecendo todo mundo.

**GG** - O senhor acha que o grande capital do futuro é gente?

**MS** - Eu creio que é isso mesmo: gente.

**GG** - A fase popular da história quer dizer também isso.

**MS** - Mais gente. E haverá um processo de acomodação.

**GG** - A taxa de crescimento brasileiro está caindo.

**MS** - Baixou muito.

**GG** - É um dado da fase popular da história, tem que ter gente.

**MS** - Tem que ter gente, é o que dá a possibilidade da efervescência.

**GG** - Encher os estádios de futebol. (risos)

**MS** - E também as casas de diversões. Quanto mais cheias, melhor.

**GG** - Muito obrigado, professor.

Nota do Editor:

*Entrevista publicada em:  
[http://www.gilbertogil.com.br/santos/entre\\_0.htm](http://www.gilbertogil.com.br/santos/entre_0.htm)*

